

O GRANDE PERIGO  
ALÍ ERA EU  
A SOCIEDADE NÃO É  
TÃO IGUALITÁRIA  
QUANTO AS  
PESSOAS GOSTAM DE  
DIZER?  
É DIFÍCIL SER  
PRETO?  
Sei que SOU uma NÃO É!  
pessoa BOA, Martin  
O QUE TERIA SIDO  
DIFERENTE SE EU  
NÃO FOSSE NEGRO?  
Estou com a sensação  
de que TUDO que  
eu faço é uma  
batalha PERDIDA

SE NADA NO  
MUNDO MUDAR,  
QUE TIPO DE  
PESSOA EU  
PREFIRO SER?

não posso continuar  
fingindo que não  
tem nada FERRADO

QUEM  
MARTIN  
SERIA?

Você era o  
cara, Martin

O CARA

E eu quero  
ser como

VO  
CÊ

NIC  
STONE

CARTAS  
PARA  
MARTIN

Nic STONE

CARTAS  
PARA  
MARTIN

*Tradução de Thaís Paiva*



Copyright do texto © 2017 by Andrea Nicole Livingstone  
Publicado mediante acordo com Deborah Harris Agency.

TÍTULO ORIGINAL

Dear Martin

PREPARAÇÃO

Isis Batista Pinto

Sheila Louzada

REVISÃO

Rayana Faria

Luiz Felipe Fonseca

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DE CAPA

Limão/@limaocomvodka

DESIGN DE CAPA

Anderson Junqueira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S885c

Stone, Nic, 1985-

Cartas para Martin / Nic Stone ; tradução Thaís Paiva. - 1. ed. -

Rio de Janeiro : Intrínseca, 2020.

; 21 cm.

Tradução de: Dear Martin

ISBN 978-85-510-0665-8

I. Ficção americana. I. Paiva, Thaís. II. Título.

20-63158

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

[2020]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)

Para K. e M.

Sejam a melhor versão de si.

&

Para Casey Weeks.

Considere isto meu *quietus*.



EU ACREDITO QUE A VERDADE DESARMADA  
E O AMOR INCONDICIONAL TERÃO A  
ÚLTIMA PALAVRA SOBRE A REALIDADE.

— Reverendo Dr. Martin Luther King Jr.,  
em seu discurso de agradecimento pelo  
Prêmio Nobel da Paz, em 10 de dezembro de 1964



PARTE UM





## CAPÍTULO 1

Do outro lado da rua, Justyce consegue vê-la bem: Melo Taylor, ex-namorada, caída ao lado de seu carro, no chão de concreto úmido do estacionamento do Walmart. Está sem um sapato, os pertences da bolsa espalhados ao redor como confetes. Jus sabe que ela está completamente bêbada, mas até mesmo para os padrões dela isso já é demais.

Jus balança a cabeça, lembrando-se do olhar de reprovação do melhor amigo, Manny, quando saiu de sua casa, menos de quinze minutos atrás.

O sinal de pedestres se abre.

Quando ele está atravessando, ela abre os olhos, e ele acena, tirando os fones de ouvido bem a tempo de ouvi-la dizer:

— O que é que você tá fazendo aqui?

Justyce se faz a mesma pergunta, observando Melo tentar, em vão, ficar de joelhos. Ela tomba de lado, batendo o rosto na porta do carro.

Ele se agacha ao lado dela e faz menção de tocar seu rosto, que está do mesmo tom vermelho-cereja do carro.

— Cacete, Melo, você tá bem?

Ela afasta a mão dele.

— Não te interessa.

Justyce respira fundo, magoado. Ele se interessa, e muito. Óbvio. Se não se interessasse, não teria caminhado os quase dois quilômetros da casa de Manny até ali, às três da manhã (o amigo acha que Melo foi “a pior coisa que já aconteceu” na vida de Jus, então é claro que ele se recusou a levá-lo de carro), tudo para impedir a ex de pegar no volante caindo de bêbada.

Ele deveria dar meia-volta e ir embora nesse instante, deveria mesmo.

Mas não vai.

— A Jessa me ligou — explica ele.

— Aquela filha da...

— Não faz assim, gata. Ela só me ligou porque se importa com você.

A amiga até tentou levá-la para casa, mas Melo armou um escândalo, ameaçando chamar a polícia e dizer que estava sendo sequestrada se Jessa não a deixasse ali, onde tinha estacionado seu Mercedes vermelho metálico.

Melo pode ser um tanto quanto dramática quando bebe.

— Nossa, eu vou *muito* bloquear aquela escrota. — (Confirmando a informação anterior.) — Na internet e na vida. Piranha intrometida.

Justyce balança a cabeça de novo.

— Só vim aqui para ter certeza de que você ia chegar em casa bem.

Só então ocorre a Justyce que, mesmo que consiga levar Melo em casa, ele não tem ideia de como vai fazer para voltar de lá. Ele fecha os olhos, as palavras de Manny ainda ecoando

na cabeça: *Você vai acabar se ferrando se continuar a bancar o herói dessa doida.*

Ele volta a olhar para Melo, agora sentada no chão. Está recostada na porta do carro, a cabeça jogada para trás, meio dormindo, a boca aberta.

Justyce suspira. Não pode negar que, mesmo bêbada, é a garota mais gata em que ele já pôs os olhos — sem mencionar as *mãos*.

Ela começa a escorregar para o lado, mas Justyce consegue pegá-la pelos ombros a tempo. Ela acorda de sobressalto, encarando-o com os olhos arregalados, e nesse momento ele tem um vislumbre de todas as coisas em Melo que chamaram sua atenção no início. O pai dela era jogador de futebol americano (daqueles negões gigaaaantes) e chegou a entrar no Hall da Fama, mas a mãe é norueguesa. Por isso, Melo tem a pele clara dos nórdicos, cabelo ondulado cor de mel e incríveis olhos verdes, meio arroxeados nas bordas, ao mesmo tempo que ostenta uma boca carnuda, cinturinha fina, curvas incríveis e a melhor bunda que Jus já viu na vida.

Isso é parte do problema. Ele fica cego diante de tanta beleza. Nem em seus sonhos mais loucos Jus imaginaria que uma garota como ela daria bola para *ele*.

Mesmo agora sente vontade de beijá-la, ainda que a esteja com os olhos vermelhos, o cabelo desgrenhado e cheirando a vodca, cigarro e maconha. Quando ele tenta tirar o cabelo dela do rosto, ela empurra a mão dele outra vez.

— Não encosta em mim, Justyce.

Ela começa a mexer nas coisas espalhadas no chão: lenços de papel, absorventes, um daqueles troços redondos com maquiagem de um lado e espelho do outro, um batom.

— Cadê minha chaveeeeeee?

Justyce encontra as chaves em frente à roda traseira e as pega, apressado.

— Você não vai dirigir, Melo.

— Me dá.

Ela tenta pegar as chaves, mas acaba caindo nos braços dele. Justyce a apoia no carro para pegar o resto das coisas e enfiar na bolsa dela — tão grande que daria para carregar as compras de mercado de uma semana inteira (por que as mulheres amam essas bolsas do tamanho de malas de viagem?). Ele abre o carro, joga a bolsa no piso e tenta levantá-la.

E é aí que tudo dá muito errado, muito rápido.

Primeiro, ela vomita nele, sujando seu casaco todo.

Que pertence a Manny. Que foi muito específico ao avisar: “Não me volte aqui com o meu casaco todo vomitado.”

Perfeito.

Jus tira o casaco e o joga no banco de trás.

Quando tenta levantar Melo outra vez, ela dá um tapa nele. Com força.

— *Me deixa em paz, Justyce!*

— De jeito nenhum, Melo. Se você tentar dirigir, não vai chegar viva em casa.

Ele tenta levantá-la pelas axilas, mas ela cospe no rosto dele.

Mais uma vez, ele fica tentado a ir embora. Poderia ligar para os pais dela, meter a chave do carro no bolso e dar o fora. Oak Ridge deve ser o bairro *mais* seguro de Atlanta, não aconteceria nada durante os vinte e cinco minutos que o sr. Taylor levaria para chegar até ali.

Mas ele não pode fazer isso. Apesar da opinião de Manny de que Melo precisa “pagar pelos seus erros uma vez na vida”, não seria certo deixá-la ali totalmente vulnerável. Então ele a pega no colo e em seguida a apoia no ombro.

Melo reage com sua delicadeza de sempre: gritando e esmurrando as costas dele.

Justyce consegue, a muito custo, abrir a porta do carro e está tentando colocá-la no banco quando ouve o breve *wuuuuuuup* da sirene e vê as luzes azuis. Nos poucos segundos que a viatura leva para parar atrás dele, cantando pneu, ele consegue pôr Melo no carro.

Agora ela está catatônica.

Justyce ouve os passos se aproximando, mas está concentrado em colocar o cinto em Melo. Quer deixar *claro* para o policial que ela não pretendia dirigir, para não encrenarem com ela ainda mais.

Ainda está com a corpo dentro do carro quando sente o puxão na camisa. Ele bate a cabeça na porta ao mesmo tempo que o agarram pela nuca, e é atirado com tanta força contra a traseira do automóvel que acaba mordendo a bochecha por dentro, a boca se enchendo de sangue.

Jus engole o sangue, zozzo, sem conseguir entender o que está acontecendo. O metal gelado nos pulsos o traz de volta à realidade.

Algemas.

Então ele compreende: por causa do álcool, Melo está desacordada no banco de trás de um carro que *ela* tinha toda a intenção de dirigir, mas quem é algemado é *ele*.

O policial o joga no chão ao lado da viatura enquanto pergunta se Justyce entendeu seus direitos. Justyce não se

Mas ele não pode fazer isso. Apesar da opinião de Manny de que Melo precisa “pagar pelos seus erros uma vez na vida”, não seria certo deixá-la ali totalmente vulnerável. Então ele a pega no colo e em seguida a apoia no ombro.

Melo reage com sua delicadeza de sempre: gritando e esmurrando as costas dele.

Justyce consegue, a muito custo, abrir a porta do carro e está tentando colocá-la no banco quando ouve o breve *wuuuuuuup* da sirene e vê as luzes azuis. Nos poucos segundos que a viatura leva para parar atrás dele, cantando pneu, ele consegue pôr Melo no carro.

Agora ela está catatônica.

Justyce ouve os passos se aproximando, mas está concentrado em colocar o cinto em Melo. Quer deixar *claro* para o policial que ela não pretendia dirigir, para não encrencarem com ela ainda mais.

Ainda está com a corpo dentro do carro quando sente o puxão na camisa. Ele bate a cabeça na porta ao mesmo tempo que o agarram pela nuca, e é atirado com tanta força contra a traseira do automóvel que acaba mordendo a bochecha por dentro, a boca se enchendo de sangue.

Jus engole o sangue, zozzo, sem conseguir entender o que está acontecendo. O metal gelado nos pulsos o traz de volta à realidade.

Algemas.

Então ele compreende: por causa do álcool, Melo está desacordada no banco de trás de um carro que *ela* tinha toda a intenção de dirigir, mas quem é algemado é *ele*.

O policial o joga no chão ao lado da viatura enquanto pergunta se Justyce entendeu seus direitos. Justyce não se

lembra de ter ouvido o policial citando direito nenhum, mas as duas pancadas na cabeça deixaram seus ouvidos zunindo, então *talvez* só não tenha ouvido. Ele engole mais sangue.

— Senhor, tudo isso é um grande mal-enten...

Mas Justyce é interrompido por um soco no rosto.

— Não vem com história pra cima de mim, não, seu filho da puta. Eu saquei que você não prestava logo que te vi andando por aí cobrindo a cara.

Então o capuz foi uma má ideia. Assim como os fones de ouvido. Sem eles, Justyce provavelmente teria notado que o policial o seguia.

— Mas, senhor, eu...

— Cala essa boca. — O policial se agacha, aproximando o rosto do de Justyce. — Conheço bem seu tipo. Tem sempre uns marginaizinhos que nem você rondando os bairros dos bacanas, só de olho. Não resistiu à garota branca bonitinha que ficou presa fora do carro, né?

Só que isso nem faz sentido. Se Melo tivesse deixado as chaves no carro, Jus não teria conseguido colocá-la ali dentro, certo? Ele vê o nome na identificação do policial: CASTILLO, mas o cara não parece latino. A mãe de Justyce o ensinou a lidar com esse tipo de situação, embora ele admita que não esperava um dia precisar das orientações dela: “Seja respeitoso, controle a raiva, deixe as mãos sempre à vista do policial” (embora esta última seja impossível no momento).

— Sr. Castillo, com todo o respeito...

— Eu mandei calar a boca, vagabundo!

Ele lamenta não conseguir ver Melo, pois poderia pedir a ele para contar a verdade ao policial. Mas o policial está bloqueando sua visão.



— Agora, se você não quiser complicação pro seu lado, vai ficar quietinho e sem se mexer. Resistir só vai piorar as coisas. Entendeu?

Justyce leva na cara perdigotos e o bafo de cigarro do policial, mas mantém os olhos fixos no letreiro luminoso do Walmart.

— Olha pra mim quando eu estiver falando com você, moleque. — Ele pega o queixo de Justyce. — Eu te fiz uma pergunta.

Justyce engole em seco. Seu olhar encontra a frieza dos olhos azuis de Castillo. Ele pigarreia e responde:

— Sim, senhor. Entendi.



25 de agosto

MEU CARO MARTIN (OU "DR. KING"),

Antes de mais nada, quero que saiba que não é por desrespeito que me dirijo a você com certa intimidade, mas é que no primeiro ano pesquisei sobre sua história e seus ensinamentos para um trabalho, então, para mim, sinto como se você fosse de casa. Espero que não se incomode com isso.

Uma rápida apresentação: meu nome é Justyce McAllister, tenho dezessete anos, moro em Atlanta e estou no último ano da Escola Preparatória de Braselton, onde tenho bolsa de estudos integral. Sou o quarto colocado entre os oitenta e três alunos do meu ano, sou capitão da equipe de debate, fiz pontuações excelentes nos exames de admissão e, apesar de ter crescido numa área "ruim" da cidade (não muito longe de onde você morou), é muito provável que meu futuro incluía uma das melhores universidades do país, um diploma em Direito e uma carreira na administração pública.

Infelizmente, hoje de madrugada nada disso teve valor algum.

O que aconteceu, em resumo, foi que eu tentei fazer uma boa ação e acabei sendo atirado no chão e algemado. Minha ex-namorada é que estava doidona, mas, pelo visto, o grande perigo ali era eu, com meu casaco de capuz, a ponto de o policial que me abordou até ter chamado reforço.

Eu pensei que tudo fosse se resolver quando os pais da minha ex chegassem, mas o mais louco disso tudo é que os policiais não queriam me soltar por nada nesse mundo, não importava o que o sr. e a sra. Taylor dissessem. Quando o sr. Taylor avisou que ia ligar para a minha mãe, os caras deixaram muito claro que, como eu

tenho dezessete anos, pela lei americana já sou considerado maior de idade em casos de infração legal – ou seja, não havia nada que a mamãezinha pudesse fazer por mim.

Ele acabou ligando para a mãe de uma amiga minha, a S.J. A sra. Friedman é advogada e teve que ir até a delegacia vomitar na cara deles um monte de termos legais para conseguir que eles tirassem minhas algemas. Já estava amanhecendo quando finalmente me liberaram.

Foram horas, Martin.

A sra. Friedman não falou muito enquanto me levava para o alojamento da escola, mas me fez prometer que eu ia passar na enfermaria para pegar compressas frias para botar nos meus pulsos inchados. Liguei para minha mãe e contei o que tinha acontecido. Ela disse que a primeira coisa que vai fazer amanhã é registrar uma ocorrência, mas duvido que dê em alguma coisa.

Sinceramente, não sei bem como deveria me sentir. Nunca achei que me veria numa situação dessas. Teve o caso de um garoto, Shemar Carson... negro, da minha idade... foi morto por um policial branco em Nevada, em junho. Não se sabem muitos detalhes, já que não houve testemunhas, mas tudo indica que o policial atirou num garoto que não estava armado. Quatro vezes. A história ficou ainda mais suspeita porque, de acordo com os médicos-legistas, houve um intervalo de duas horas entre a hora estimada do óbito e o momento em que o policial reportou o ocorrido.

Antes do Incidente (essa história de ontem), eu nunca tinha pensado muito sobre essas coisas. As informações que a gente encontra são conflitantes, então é difícil saber no que acreditar. A família e os amigos de Shemar dizem que ele era um bom garoto, que ia para a faculdade, que participava do grupo de jovens da

igreja... mas o policial alega que o flagrou tentando roubar um carro. Houve confronto físico (diz ele), e aí, de acordo com os registros, Shemar tentou pegar a arma do policial, que então atirou no rapaz, em legítima defesa.

Sei lá. Eu vi umas fotos do Shemar Carson, e ele meio que tinha mesmo cara de bandido. Acho que pensei que nunca precisaria me preocupar com esse tipo de coisa, porque, comparado a ele, eu não pareço nada "ameaçador", sabe? Não ando com a calça lá embaixo nem uso aquelas roupas largas. Frequento uma boa escola, tenho objetivos de vida e "a cabeça no lugar", como diz minha mãe.

Tudo bem que eu cresci numa área violenta, mas sei que sou uma pessoa boa, Martin. Sempre pensei que, se eu me esforçasse muito e fosse um cidadão exemplar, não passaria pelas coisas que os OUTROS negros passam, sabe? É difícil aceitar que eu estava enganado.

Agora, eu só consigo pensar o seguinte: "O que teria sido diferente se eu não fosse negro?" Até entendo que, de cara, o policial só podia confiar no que estava vendo (que realmente parecia meio suspeito), mas nunca tinham duvidado do meu caráter dessa forma.

A noite passada mudou algo em mim. Não é que eu vá sair por aí todo revoltado e fazendo mer... quer dizer, fazendo besteira, mas sei que não posso continuar fingindo que não tem nada errado. Pode até não haver mais bebedouros separados para as pessoas "de cor", e racismo hoje em dia é crime, mas, se eu ainda posso ser forçado a sentar no chão de concreto com algemas apertando meus pulsos mesmo sem ter feito nada errado, é bem óbvio que temos um problema. Que a sociedade não é tao igualitária quanto as pessoas gostam de dizer.


Preciso ser mais atento, Martin. Começar a enxergar a realidade e escrever sobre essa questão. Entender o que posso fazer. É por isso que estou escrevendo para você. Você sofreu coisa muito pior que ficar algumas horas algemado, mas mesmo assim estava sempre pronto para o ataque. Na verdade, sempre pronto para a paz.

Quero tentar viver como você. Agir como você agiria. Quero ver aonde isso me leva.

Tenho que encerrar por aqui, porque meu pulso está doendo, mas obrigado por me escutar.

Um grande abraço,  
Justyce McAllister





**J**ustyce McAllister é um garoto de dezessete anos com um futuro brilhante pela frente. É um dos melhores alunos de uma prestigiada escola de Atlanta, tem uma mãe amorosa e um melhor amigo incrível. No entanto, um episódio de violência policial traz à tona que a distância entre ele e seu futuro é quase um abismo. Porque Justyce McAllister é negro, e isso significa que, muitas vezes, é julgado pela cor de sua pele.

Ao ser agredido e detido injustamente, o olhar de Justyce desperta para um novo mundo, um lugar solitário em uma sociedade que insiste em vê-lo como ameaça ou como promessa de fracasso. Ele se dá conta, então, de que não pode mais fingir que não tem nada errado e decide iniciar um projeto: escrever cartas para Martin Luther King Jr., um dos mais importantes ativistas políticos pelos direitos dos negros, símbolo da luta contra a segregação racial nos Estados Unidos, morto em 1968.

Ao tentar aplicar os ensinamentos de Luther King em sua vida, Justyce começa a trilhar um caminho para entender não só como deve reagir diante das injustiças, mas que tipo de pessoa ele quer ser. Em meio a questões familiares, desentendimentos com os amigos e complicações da vida amorosa, nas cartas ele expõe suas dúvidas, sua angústia, sua revolta e a percepção clara de que a sociedade não é tão igualitária quanto deveria.

No livro de estreia de Nic Stone, vemos Justyce passar pelos desafios da adolescência, amadurecer e encarar o racismo que tanto afeta sua existência. Comovente e extremamente necessário, *Cartas para Martin* é um relato sobre ser um jovem negro e sobre o direito inalienável de existir. Um livro impossível de ignorar.

**Saiba mais em:**

[www.intrinseca.com.br/livro/981](http://www.intrinseca.com.br/livro/981)

